

**Psicologia do desenvolvimento: contribuições interdisciplinares**  
Copyright 2000 by Vitor Geraldi Haase [et al.]

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio ou sistema, sem o prévio consentimento da Editora Health.

Livraria e Editora Saúde Ltda.  
Rua Padre Rolim, 379 - São Lucas - 30130-090  
Tel.: (0XX31) 287.8142 - 0800 318070  
Belo Horizonte - Minas Gerais

Impresso em Belo Horizonte - MG, Brasil  
1ª edição - Agosto/2000  
Editoração e Capa: Elder Roberto

#### FICHA CATALOGRÁFICA

P974	Psicologia do desenvolvimento: contribuições interdisciplinares/ Organizadores: Vitor Geraldi Haase... [et al.] 1. ed. - Belo Horizonte: Editora Health, 2000. 284p.: il. Bibliografia Coletânea de trabalhos apresentados no 2º Encontro do Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento - Departamento de Psicologia / FAFICH-UFMG.  1. Psicologia do desenvolvimento. 2. Neuropsicologia. I. Haase, Vitor Geraldi. II. Título.  CDU: 159.922.7
------	--

Índice para catálogo sistemático:  
1. Psicobiologia do desenvolvimento 159.92

#### *Agradecimentos*

Este livro reúne alguns trabalhos apresentados no 2º Encontro do Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento, realizado de 11 de Novembro a 14 de Dezembro de 1999.

Agradecemos aos nossos patrocinadores:

CRP-04, PROGRAD-UFMG, PROEX-UFMG, PRPQ-UFMG, Diretoria da FAFICH, Curso de Mestrado em Psicologia, Departamento de Psicologia, Colegiado de Graduação do Curso de Psicologia, CAPES, DAAD, CNPq e especialmente à FAPEMIG por haver possibilitado a edição desta obra.

Os organizadores

## capítulo 12

### Treinamento em Habilidades Sociais: Panorama Geral da Área

Zilda A. P. del Prette  
Almir del Prette

Vivemos hoje, no início do terceiro milênio, em uma sociedade bastante complexa, com diferentes demandas de convivência social. Nestes anos recentes vem sendo dada uma atenção cada vez maior às interações sociais satisfatórias nos vários campos das atividades humanas, designados genericamente por educação, trabalho e cotidiano.

O estudo sistemático das interações sociais na Psicologia iniciou-se, primeiramente, com as pesquisas sobre o desenvolvimento humano. Contribuiu de forma notável, para o aumento de interesse pelo "comportamento social", a aceitação e a divulgação dos trabalhos de Charles Darwin (*The Origin of Species*, 1859) que possibilitaram o reconhecimento da noção de que o homem é uma das espécies animais evoluídas ao longo da sucessão de acontecimentos naturais. Além disso, Darwin testou e aperfeiçoou um método de observação natural com base na tradição investigativa da Zoologia, Botânica e Biologia e fortaleceu a tese de que não basta estudar o homem desconsiderando sua relação com as variáveis ambientais, incluindo aí as relações dos indivíduos entre si. Tais relações facilitaram a formação de uma cultura acadêmica necessária para o aparecimento das psicologias Genética, Diferencial, Comparada, Individual e dos Povos. A análise da importância dos estudos de Darwin para a psicologia social e, em particular, para a compreensão dos gestos e das emoções humanas pode ser vista em Farr (1980).

Foi um longo caminho percorrido, aperfeiçoando-se sistemas e métodos na tentativa de explicar o funcionamento humano. Nesses esforços, ora o social obtinha relevância, juntamente com outros aspectos como a inteligência e a consciência, ora permanecia em segundo plano, "uma variável dependente" relacionada a outros fatores tais como humor, temperamento e instinto.

No século 19, com o aparecimento da Psicologia Industrial e a Psicologia Evolutiva e com o interesse crescente (quase uma mania nos Estados Unidos) pela avaliação quantitativa de desempenho, começaram, também a surgir estudos experimentais, observacionais e de levantamento enfocando o desempenho social. Temas como gregarismo, privação social e cooperação/competição tornaram-se recorrentes nas publicações especializadas. Aproximadamente em meados do século 20, a atenção voltou-se igualmente para o grupo como um fenômeno a ser estudado dentro de pressupostos científicos, principalmente com base nas contribuições de Kurt Lewin (ver por exemplo Lewin, 1943 e Lewin, Lippitt & Wite, 1939).

Nessa época (a partir da década de 50 e 60) alcançaram proeminência os trabalhos da chamada Psicologia Comportamental ou Terapia Comportamental, que utilizava conhecimentos derivados das pesquisas experimentais de laboratório. Essa clínica voltou-se também para os problemas de relacionamento social mais comuns como a timidez, a agressividade e a apatia. A fobia social tornou-se objeto mais freqüente de estudo apenas a partir dos anos 70. Atualmente supõe-se uma prevalência em torno de dois por cento da população com esse problema interpessoal, sendo o segundo distúrbio fóbico mais diagnosticado (25 por cento das fobias), só superado pela agorafobia (Heimberg, 1989).

Como precursores da moderna Psicologia Clínica, em relação aos problemas interpessoais, comumente são lembrados os nomes de Salter (1949), Wolpe (1958), Lazarus (1977), Argyle (1974), Argyle e Dean (1965), Zigler e Phillips (1961, 1962), que são localizados em abordagens comportamentalistas (operante/respondente) e cognitivistas (percepção/afeto). Caballo (1993) faz menção também a neofreudianos como por exemplo Sullivan (1953) e White (1960).

Em decorrência das diferentes posições adotadas pelos estudiosos dos problemas interpessoais pode-se admitir dois grandes movimentos teórico/práticos: um denominado de Treinamento Assertivo (T.A.), que ganhou destaque nos Estados Unidos, sendo popularizado pelo livro *Your perfect right*<sup>1</sup> de Robert E. Albert e Michael L. Emmons, com sucessivas reedições, alcançando em 1989 a 20ª edição, com a marca de 800 mil exemplares vendidos; outro designado por Treinamento de Habilidades Sociais (T.H.S.), que obteve notoriedade principalmente com os trabalhos de Argyle, resultantes de um projeto sobre habilidades sociais ao longo de 15 anos, na Universidade de Oxford, na Inglaterra.

Michael Argyle publicou na Inglaterra, em 1967, o livro *The Psychology of Interpersonal Behaviour*, traduzido para vários idiomas<sup>2</sup> e que tem sido referenciado na maioria das publicações sobre T.H.S. Muitos dos trabalhos pioneiros de Argyle receberam a colaboração de Peter Trower, seu principal assistente na Oxford. Trower publicou, recentemente (Trower, 1995), uma análise sobre a área do THS, mostrando o estado da arte e as tendências teóricas e empíricas atuais.

### O interesse pela área no Brasil

Em nosso país, não obstante algumas traduções de autores pioneiros<sup>3</sup> nos movimentos do T.A. e do T.H.S., na década de 70 e 80, o interesse inicial localizou-se muito mais na prática do que na pesquisa, originando, provavelmente por isso, poucas publicações. Um levantamento nos periódicos da época mostrou que a primeira publicação sobre o T.A. apareceu em 1978 (del Prette, 1978). Mas, a partir da década de 80, seguiram-se outras publicações, enfocando diferentes problemas e temáticas, que são apresentadas no quadro a seguir, esperando-se que essa listagem seja útil para o leitor.

Esses trabalhos parecem indicar uma procura crescente dos pesquisadores sobre o T.A. e o T.H.S. Embora não se disponha, no momento, de um banco de dados das teses defendidas nos programas de pós-graduação no Brasil nessa temática, aquelas de que obtivemos conhecimento também constituem um indicador do interesse que o T.A. e o T.H.S. vêm despertando entre nós. Outro indicador são os resumos de apresentações em congressos de Psicologia. Essas publicações, bastante freqüentes, não foram consideradas aqui, em parte pela dificuldade de classificá-las e, em parte, por serem mais acessíveis ao leitor.

<sup>1</sup> Esse livro foi traduzido em nosso país em 1978 da primeira edição americana de 1973. A edição de 1989 (que está sendo referida neste artigo) possui mais do que o dobro da matéria contida na primeira publicação, incluindo novos capítulos, como *Assertividade nas relações sexuais e Assertividade nas relações de trabalho*. Além disso, os autores fizeram alterações conceituais considerando outras contribuições em relação a suas referências originais.

<sup>2</sup> O livro de Argyle foi vertido para o português inadequadamente como *Comunicação e Dinâmica de Grupo* por óbvios objetivos comerciais, pois não se confunde com esta área. Possivelmente pretendia-se aproveitar o interesse existente na época sobre *Dinâmica de Grupo*. Além disso, a tradução comete vários equívocos que dificultam a compreensão do leitor sobre o tema.

<sup>3</sup> Além dos livros de Albert e Emmons e de Argyle podem ser citados *A prática da terapia comportamental* (Wolpe, 1976), *Terapia comportamental na clínica* (Lazarus, 1977); *Técnicas de modificação do comportamento* (Mikulas, 1977), *Você e os outros* (Argyle & Trower, 1981). Essas obras não tratam exclusivamente do tema em discussão, mas abordam-no em um ou mais capítulos sobre temas correlatos.

Quadro 1. Alguns estudos sobre a temática do T.A. e T.H.S. no Brasil

Tema	Artigos e dissertações ou teses
Análise de programas ou procedimento de treino (com professores, psicólogos, universitários, deficientes mentais, deformados faciais etc.)	Lemos, 1981; del Prette, AA. 1982; del Prette, Z. 1983; del Prette Z. & del Prette A., 1983; del Prette, 1985a; del Prette, 1995b; Amaral, Bravo & Messias, 1996; Falcone, 1995; Costa, 1995; del Prette A. & del Prette A. & del Prette, Z. 1997; del Prette, del Prette, Pontes & Torres, 1998; del Prette, del Prette, Garcia, Silva & Puntel, 1998; Falcone, 1998; del Prette, del Prette & Barreto, 1999; Paula, 1999.
Caracterização de repertório de populações específicas	del Prette, 1978; Santos, 1990; del Prette, del Prette & Correia, 1992; del Prette, del Prette & Castelo Branco, 1992; Santana, Otta & Bastos, 1993; Khater, 1995; Marques & Vanhorn, 1995; Marques, 1999; Pacheco, 1999; Silva, 2000; Hildebrand, 2000.
Análise ou desenvolvimento de instrumentos de avaliação (psicometria)	Pasquali e Gouveia, 1990; Bandeira, 1999a; Bandeira, 1999b; Ayres, 1994; Lipp, Haythornthwaite & Anderson, 1996; Bandeira, Cardoso, Fernandes, Resende & Santos, 1998; del Prette, del Prette & Barreto, 1998.; Barreto, del Prette & del Prette, s.d.
Estado da arte/estudos teóricos	Falcone, 1995, 1997; Figueiredo Junior, 1996; del Prette, Z. & del Prette A. 1996, 1999; del Prette & del Prette, 1997; del Prette A. & del Prette, Z., 1999; Marques, 1987

### A importância das habilidades sociais na atualidade

A afirmação de que o homem é um animal social é axiomática. Pode-se mesmo dizer que todos os seres vivos são sociais, tanto pela necessidade (interdependência) quanto pela satisfação gerada pelo contato social. Entre todos os seres vivos, o homem é o que precisa de maior cuidado, em parte pela sua fragilidade e, em parte, porque seu mundo social é extremamente complexo. A proteção rotineira oferecida à criança é feita inicialmente pelos pais e, posteriormente, por outros cuidadores (parentes, babás, professores etc.), que se encarregam, sistemática ou

assistematicamente, de prover condições para a sua aprendizagem de comportamentos sociais. Psicólogos de diferentes abordagens no estudo do desenvolvimento humano são unânimes em afirmar que os vínculos sociais/afetivos estabelecidos na infância são decisivos para o ajustamento social posterior. Em outras palavras, as relações sociais podem trazer, em qualquer período do desenvolvimento, as mais profundas satisfações e, da mesma forma, as maiores infelicidades.

A vida isolada é quase praticamente impossível e totalmente indesejável nos dias atuais. São bem poucos os que fazem voto de silêncio (o que não significa ausência de contato social) ou que buscam deliberadamente a solidão. Os que assim o fazem, sentem-se incapazes para a vida social ou possuem motivação religiosa. O primeiro grupo necessita de ajuda terapêutica e o segundo, em sua maioria, prepara-se para melhor viver com os demais.

Apesar da necessidade da vida social, paradoxalmente observamos, neste início de século, uma notável ocorrência de conflitos interpessoais. Tais conflitos não estão relacionados independentemente a variáveis como condição econômica ou localização específica. Uma multiplicidade de fatores influencia os conflitos interpessoais, incluindo a falta de oportunidade de experiências sociais em diferentes contextos e grupos, a valorização positiva, aberta ou sutil, da agressividade, a ênfase na competitividade para ascensão social, a disseminação das drogas aceitas (álcool, remédios psicoativos) e das proibidas (maconha, cocaína etc.), a ausência de objetivos pró-sociais na educação escolar, a diminuição dramática de interações sociais com os pais devido a ausência prolongada destes em casa.

### Causas das dificuldades interpessoais

Os estudos com as pessoas com dificuldades interpessoais permitem identificar e analisar algumas "causas" que orientam os programas de intervenção. Embora usualmente elas estejam associadas, serão aqui apresentadas separadamente para sua melhor identificação.

#### *Ansiedade interpessoal*

A ansiedade pode provocar a esquiva ou a fuga de contatos sociais. Além disso, pode gerar também comportamentos sociais excedentes (falar

em demasia, exagerar na altura da voz, gesticular excessivamente etc.) ou comportamentos reduzidos em relação às demandas é o exemplo de respostas lacônicas quando a situação requer uma maior participação.

Embora o desconforto produzido pela ansiedade varie de indivíduo para indivíduo existem algumas situações interpessoais que, conforme Argyle (1994), se caracterizam como mais difíceis e, por isso, geram mais ansiedade. São elas:

- a) *Confronto de opiniões.* Nesse caso, a situação requer a habilidade de exposição de argumentos e oposição a uma idéia ou posição adotada pelo interlocutor. Quando isso acontece em grupo a dificuldade pode ser maior.
- b) *Diálogo com autoridade.* Pode-se pensar em três contextos mais freqüentes de encontros sociais com pessoas investidas do papel de autoridade: o local neutro, que teoricamente produziria menor ansiedade, por exemplo o encontro casual com o chefe em um cinema; o comum para o indivíduo e a autoridade, por exemplo falar com o professor no corredor da escola pode gerar menor desconforto do que abordá-lo na sala dos professores e o áter, ou seja, o ambiente próprio da autoridade, no qual esta se sente inteiramente à vontade representando o contexto com maior potencialidade geradora de ansiedade.
- c) *Falar em público.* Tarefas de falar em público têm sido consideradas como altamente geradoras de ansiedade. Nessa situação a ansiedade pode ser maior ou menor dependendo do contexto (se auditório ou sala), do conteúdo da tarefa (assunto familiar ou de pouco domínio) e dos ouvintes (conhecidos/desconhecidos, exigentes ou pouco exigentes). Além da ansiedade, deve-se considerar também as habilidades técnicas próprias da comunicação, como domínio do tema, tonalidade da voz, uso da gestualidade adequada etc.
- d) *Reclamar direitos.* Em tal situação, a ansiedade parece ser menor quando se tem consciência de que a ação reivindicatória é justa, normatizada pela legislação e aceita na cultura. Essa é uma condição importante, mas não garante, por si mesma, o sucesso do desempenho que se relaciona igualmente à capacidade argumentativa com razoável controle da ansiedade.
- e) *Estabelecer contatos com objetivo afetivo e/ou sexual.* Tal situação é potencialmente geradora de ansiedade não apenas pela incerteza (ser aceito ou não) mas, porque, no caso da recusa, esta pode afetar bastante a auto-estima do indivíduo.

- f) *Recusar pedidos.* Observações não sistemáticas, em particular com a população adolescente, mostram que o recusar pedidos é uma habilidade bastante difícil e generalizada. Em uma pesquisa conduzida com psicólogos de diversas abordagens, em um tradicional Congresso de Psicologia, a habilidade de recusar pedidos abusivos foi elencada como uma das mais importantes na atuação do psicólogo (del Prette, del Prette, Barham & Reis, 1999).

### *Processos cognitivos disfuncionais*

A aprendizagem do comportamento social é mediada por processos cognitivos que, quando disfuncionais, influenciam negativamente no desempenho interpessoal. A educação excessivamente exigente, a ênfase no cumprimento de regras, o discurso prescritivo e o uso da punição são os principais fatores no desenvolvimento de processo cognitivo desse tipo.

São vários os processos cognitivos disfuncionais aprendidos desde os primeiros anos de desenvolvimento. Os mais encontrados são: *auto-avaliações distorcidas* (as pessoas podem subestimar ou superestimar sua competência social); *padrões perfeccionistas* (não satisfação com os próprios desempenhos mesmo quando bem sucedidos); *expectativas e crenças irracionais* como o derrotismo e o pessimismo ("eu não aprendo", "sou um incapaz"; eu não vou conseguir", "nem adianta tentar").

### *Déficits no repertório comportamental*

Desde há muito tempo, os pesquisadores vêm chamando a atenção para o fato de que muitas pessoas, mesmo na ausência de ansiedade, não se comportam adequadamente nas situações sociais porque não aprenderam os comportamentos que essas situações requerem (Eisler, Miller & Hersen, 1973).

A ausência de aprendizagem de comportamentos sociais adequados pode estar relacionada a:

- a) *Restrições de oportunidades de convivência em diferentes grupos culturais.* Isso pode ocorrer devido ao isolamento familiar gerado pela pobreza ou por valores religiosos da família e de seu grupo e, também, pela localização geográfica distanciada de vilas ou cidades.
- b) *Círculo familiar/social empobrecido: pais agressivos, pouco responsivos ao contato social, pouco empáticos fornecem modelos inadequados de relações sociais.*

- c) *Práticas parentais que premiam a dependência e punem a autonomia e a criatividade nas interações sociais.*
- d) *Doenças, seqüelas físicas e rebaixamento da inteligência, podem impedir ou dificultar a variabilidade de contatos sociais.*

### *Problemas de percepção social*

Argyle (1994) cunhou o termo *leitura do ambiente social*, com base nas pesquisas sobre percepção social, acrescentando mais este fator explicativo para as dificuldades interpessoais. Ler o ambiente social significa interpretar corretamente a comunicação realizada pelo interlocutor através dos canais verbal e não-verbal, discriminando os papéis e as normas em que a interação está ocorrendo.

Alguns exemplos podem retratar os resultados desastrosos de uma leitura inadequada da situação social. É comum, em nossa cultura, uma pessoa, ao se despedir da outra, verbalizar "fique mais um pouco", "espere para o almoço", enquanto através do canal não verbal (olhar disfarçadamente o relógio, trocar olhares com alguém da família, colocar a cadeira que o visitante sentou no lugar etc.), emite mensagens não verbais contrárias à sua fala. Em certos contextos, é preciso manter maior distanciamento do interlocutor, esperando que este tome a iniciativa da abordagem ou interrupção da comunicação. Por exemplo, quando alguém está presidindo uma reunião formal, o colega de trabalho evita comportar-se como o faz na rotina diária, mantendo uma certa discrição. As conseqüências da leitura inadequada de situações sociais podem gerar embaraços, mal-entendidos, mágoas e "esfriar" relacionamentos promissores.

### *Programas de desenvolvimento interpessoal*

A análise da literatura que descreve os programas (T.H.S. ou T.A.) permite classificá-los em: a) terapêuticos ou remediativos; b) profiláticos; c) de capacitação profissional.

Os programas terapêuticos se destinam às pessoas com queixas clínicas que dificilmente se resolveriam sem ajuda direta do especialista (para uma descrição detalhada dos problemas e etiologias, ver del Prette & del Prette, 1999). Os chamados profiláticos estão voltados para a

população que apresenta um desempenho social razoavelmente satisfatório, mas que pode desejar resolver conflitos interpessoais e maximizar ganhos nas interações. Aqui localizam-se grupos de crianças em idade escolar, casais, adolescentes, pais preocupados com a educação dos filhos; grupos comunitários etc. Já o terceiro tipo, capacitação profissional, como o próprio nome indica, refere-se aos programas direcionados a capacitar os indivíduos em suas interações sociais em tarefas específicas no ambiente do trabalho. Pode ser exemplificado pelo treinamento das habilidades de falar em público, recusar pedidos irrazoáveis, automotivar-se e motivar o grupo de trabalho, comunicar tarefas e cobrar resultados, definir e resolver problemas em grupo, coordenar reuniões e atividades etc.

Os programas podem ser aplicados individualmente ou em grupo. O formato grupal tem inúmeras vantagens sobre o individual, mas a sua escolha depende principalmente da aceitação do cliente, em especial nos programas terapêuticos. As pessoas precisam saber que participar de um grupo significa partilhar seus problemas com os demais. Cabe, portanto, ao terapeuta (ou dirigente) explicitar a natureza do trabalho grupal e seus benefícios, tomando cuidado, porém, de não induzir à aceitação de sua recomendação (uma discussão mais detalhada sobre vantagens e desvantagens dos dois formatos pode ser encontrada em del Prette e del Prette, 1999).

### *Fundamentos dos programas de desenvolvimento interpessoal*

Todo e qualquer programa de desenvolvimento interpessoal (T.H.S. ou T.A.) fundamenta-se em paradigmas que orientam a estrutura, os procedimentos e as interações entre o terapeuta ou dirigente com a sua clientela. Primeiramente, há a noção de que muitas das dificuldades interpessoais das pessoas podem ser superadas. Em outras palavras que o indivíduo/cliente *aprende* e que a outra pessoa, o terapeuta, *pode ajudá-lo* a realizar aprendizagem de novas maneiras de comportar-se com maior competência social. Conforme Bedell e Lennox (1997, p. 11) "qualquer discussão sobre o que faz uma pessoa alcançar uma vida melhor não se baseia inteiramente em critério factual ou científico, mas inclui valores de julgamento sobre o que é bom e mau". Se os valores de julgamento estão presentes nos programas (e também em outras formas de intervenção), torna-se fundamental analisá-los e explicitá-los.

É preciso recordar que a aprendizagem de novos comportamentos sociais dos participantes de tais programas irá afetar os seus interlocutores (cônjuge, filhos, amigos, pais, conhecidos, desconhecidos) e, por isso,

embora não presentes no atendimento, os interlocutores (significantes) do ambiente real do cliente precisam ser considerados. Nesse sentido, del Prette e del Prette (1996) e del Prette, del Prette e Correia (1992) defendem que todo programa deve ser orientado pelos princípios: a) do respeito aos direitos humanos básicos e b) da busca de equilíbrio de poder nas interações sociais.

#### *Treinamento Assertivo e Treinamento em Habilidades Sociais*

O Movimento do Treinamento Assertivo, iniciado por Wolpe (1976), e por Wolpe e Lazarus (1966) contribuiu para a consolidação da abordagem comportamental na Clínica. Concomitantemente, na Inglaterra, o movimento do Treinamento de Habilidades Sociais obtinha, igualmente, uma rápida aceitação, em especial devido às pesquisas do grupo de Argyle na Oxford (Argyle, 1975; Argyle, Trower & Bryant, 1974; Trower, Bryant & Argyle, 1978). Segundo Hargie, Saunders e Dickson (1994), o termo Habilidades Sociais e a estrutura de treinamento na solução de problemas interpessoais foram adotados antes de que se houvesse obtido uma maior consenso quanto à definição de assertividade.

Os caminhos desses movimentos foram razoavelmente semelhantes, embora as divergências no campo do T.A. fossem bem maiores (ver, por exemplo, Caballo, 1993 e del Prette & del Prette, 1999).

Do ponto de vista teórico/prático, uma questão pouco referida na literatura é aquela que envolve a decisão do terapeuta por uma ou outra modalidade de intervenção. Nem todas as pessoas com dificuldades interpessoais assertivas possuem *déficits* em habilidades sociais gerais. O oposto também é verdadeiro.

Conforme del Prette e del Prette (1996, p. 6) "as habilidades sociais respondem a um universo mais abrangente das relações interpessoais e se estendem para além da assertividade, incluindo as habilidades de comunicação, de resolução de problemas em grupo, de negociação", além daquelas ditadas pelas normas de contato social determinadas pela subcultura grupal. Por outro lado, tomando como base as definições de comportamento assertivo de Lange e Jakubowski (1976, p.7) "a afirmação dos próprios direitos e expressão de pensamentos, sentimentos e crenças de maneira direta, honesta e apropriada que não viole o direito das outras pessoas" pode-se dizer que o universo da assertividade é mais restrito, correspondendo, por exemplo, às habilidades de: recusar pedidos, exercer direitos, utilizar o pronome *eu*, discordar e expressar sentimentos positivos e negativos.

#### *Tendências atuais da área*

Embora a utilização do T.H.S. em outros campos, que não a Psicologia Clínica, já fosse defendida por Argyle, há cerca de duas décadas (Argyle, 1976/1994; 1980; 1984), apenas mais recentemente o campo de aplicação ampliou-se de forma considerável. Trower (1995) faz uma análise do estado da arte da área do T.H.S., enfatizando a importância da emergência de um paradigma interpessoal presente nas tentativas de unificação conceitual desse tema e explorando as possibilidades de sua utilização na avaliação e treinamento de habilidades sociais, especialmente nos três maiores grupos de diagnóstico em que este tem sido mais amplamente aplicado: a fobia social e timidez, a depressão e a esquizofrenia. O autor entende que as teorias sobre habilidades sociais mais aceitas atualmente recaem no modelo de processamento de informação mas que este, apesar de sua força, não contém explicitamente uma teoria interpessoal. Essa teoria, conforme Trower, deveria estar no centro de qualquer modelo explicativo de habilidades sociais e deveria ser baseada na biologia evolutiva dos seres humanos.

Além dessas considerações, teóricas/conceituais, a preocupação com o desenvolvimento interpessoal parece, atualmente, se generalizar. Na escola, em diversos países, as habilidades sociais estão sendo incluídas como objetivos educacionais a serem ministradas através de disciplinas especiais (cursos) ou disseminadas na grade curricular. No trabalho, a cada dia que passa, vai se estendendo a exigência por "perfis funcionais" denominados interpessoais (facilidade de comunicação, habilidade de trabalhar em grupo, sensibilidade, empatia, flexibilidade para diferentes papéis e liderança efetiva). Um outro indicador relaciona-se à grande procura dos livros que tratam do tema desenvolvimento interpessoal, evidenciando que o grande público se mostra interessado e busca, por si mesmo, lidar com as dificuldades mais comuns da vida social.

Nosso propósito, neste texto, foi o de fornecer a você, leitor, através de um narrativa intimista, ainda que resumidamente, um pouco da história e das teorias subjacentes ao Treinamento das Habilidades Sociais, esperando que essa introdução sirva para animá-lo à leitura de outros trabalhos. É o nosso sincero desejo.

**Referências Bibliográficas**

- AYRES, L. S. M. (1994). *Uma escala brasileira para a medida da assertividade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro.
- ALBERTI, R. E., & Emmons, M. L. (1978). *Comportamento assertivo – um guia de auto-expressão*. Belo Horizonte, Interlivros.
- ALBERTI, R. E., & Emmons, M. L. (1989). *Your perfect right: A guide to assertive living*. San Luis Obispo: Impact Publishers.
- AMARAL, V. L. A. R., Bravo, M. C. M. & Messias, T. S. C. (1996). Desenvolvimento de habilidades sociais em adolescentes portadores de deformidades faciais. *Estudos de Psicologia, 13*(3), 31-47.
- ARGYLE, M. & Dean, J. (1965). Eye contact, distance and affiliation. *Sociometry, 28*, 289-304.
- ARGYLE, M. (1967/1994). *Psicologia del comportamiento interpersonal*. Madrid: Alianza Universidad (Original publicado em 1967).
- ARGYLE, M. (1967/1994). *Psicologia del comportamiento interpersonal*. Madrid: Alianza Universidad (Original publicado em 1967).
- ARGYLE, M. (1972). *The psychology of interpersonal behaviour*. Londres: Penguin.
- ARGYLE, M. (1974). *Comunicação e Dinâmica de Grupo: Bases psicológicas*. São Paulo: IBRASA.
- ARGYLE, M. (1975). *Bodily communication*. Londres: Methuen.
- ARGYLE, M. (1980). The development of applied social psychology. Em G. Gilmour & S. Duck (Orgs.), *The development of Social Psychology*. London: Academic Press.
- ARGYLE, M. (1984). Some new developments in social skills training. *Bulletin of British Psychological Society, 37*, 405-410.
- ARGYLE, M., & Trower, P. (1981). *Você e os outros: Formas de comunicação*. São Paulo: Harper & Row do Brasil.
- ARGYLE, M., Bryant, B., & Trower, P. (1974). Social skills training and psychotherapy: A comparative study. *Psychological Medicine, 4*, 435-443.
- BANDEIRA, M. (1999a). Competência social de psicóticos: parâmetros do treinamento para programas de reabilitação psicossocial (Parte I). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 48*(3), 95-99.
- BANDEIRA, M. (1999b). Competência social de psicóticos: parâmetros do treinamento para programas de reabilitação psicossocial (Parte II). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 48*(5), 191-195.

- BANDEIRA, M., Cardoso, C. S., Fernandes, M. C., Resende, R. A., & Santos, S. C. A. S. (1998). Competência social de psicóticos: validação social de habilidades específicas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 47*(5) 217-226
- BEDELL, J. R., & Lennox, S. S. (1997). *Handbook for Communication and Problem-Solving Skill Training*. New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Caballo, V. E. (1993). *Manual de evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales*. Madri: Siglo Veintiuno.
- COSTA, D. F. T. (1995) *Competência social: Um estudo preliminar com adolescentes normais e deficientes físicos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCCAMP.
- DEL PRETTE, A. (1978). O treino assertivo na formação do psicólogo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, 30*, 53-55.
- DEL PRETTE, A. (1982). *Treinamento comportamental em grupo junto à população não clínica de baixa renda: Uma análise descritiva de procedimento*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo.
- DEL PRETTE, A. (1985a). Treinamento Comportamental em grupo: Uma análise descritiva de procedimento. *Psicologia USP, 11*(2), p. 39-54.
- DEL PRETTE, A. (1985b). Treinamento Comportamental: uma alternativa de atendimento à população não clínica. *Revista de Psicologia, 3*(1), 67-81.
- DEL PRETTE, A., & del Prette, Z. A. P. (1997). Habilidades sociais e construção de conhecimento em contexto escolar. Em D. R. Zamignani (Org.), *Sobre comportamento e cognição: A aplicação da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos* (pp. 234-250). Santo André: ARBytes (vol. 3).
- DEL PRETTE, A., & del Prette, Z. A. P. (1999). Inteligências múltiplas e habilidades sociais. *DOXA: Revista Paulista de Psicologia e Educação, 5*(1), no prelo.
- DEL PRETTE, A., del Prette, Z. A. P., & Barreto, M. C. M. (1999). Habilidades sociais en la formación del psicólogo: Análisis de un programa de intervención. *Psicología Conductual* (Espanha): 7, 27-47.
- DEL PRETTE, A., del Prette, Z. A. P., & Castelo Branco, U. V. (1992). Competência social na formação do psicólogo. *Paidéia: Cadernos de Educação, 2*, 40-50.
- DEL PRETTE, A., del Prette, Z. A. P., Pontes, A. C., & Torres, A. C. (1998). Efeitos de um programa de intervenção sobre aspectos topográficos das habilidades sociais de professores. *Psicologia Escolar e Educacional, 2*(1), 11-22.
- DEL PRETTE, Z. A. P. (1983). *Uma análise descritiva de um programa de treinamento comportamental em grupo junto à população não-clínica de baixa renda*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba.



- DEL PRETTE, Z. A. P., & del Prette, A. (1983). Análise de repertório assertivo em estudantes de Psicologia. *Revista de Psicologia*, (1), 15-24.
- DEL PRETTE, Z. A. P., & del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9(2), 287-289.
- DEL PRETTE, Z. A. P., & del Prette, A. (1997). Um programa de desenvolvimento de habilidades sociais na formação continuada de professores. Em *Associação Nacional de Pesquisa Em Educação (Org.)*, CD-Rom dos trabalhos selecionados para apresentação. (29 p.), 20a. Reunião Anual da ANPED, Caxambu (MG).
- DEL PRETTE, Z. A. P., & del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- DEL PRETTE, Z. A. P., del Prette, A., & Barreto, M. C. M. (1998). Análise de um Inventário de Habilidades Sociais (IHS) em uma amostra de universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(3), 219-228.
- DEL PRETTE, Z. A. P., del Prette, A., & Correia, M. F. B. (1992). Competência social: um estudo comparativo entre alunos de Psicologia, Serviço Social & Engenharia Mecânica. *Psicólogo Escolar: Identidade e Perspectivas*, 382-384.
- DEL PRETTE, Z. A. P., del Prette, A., Barham, L. J. e Reis, M. J. D. (1999). Desempenho interpessoal do profissional de psicologia: Um estudo preliminar. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumos de Comunicações Científicas: XXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia* (p. 13). São Paulo: SBP
- DEL PRETTE, Z. A. P., del Prette, A., Garcia, F. A Silva, A. B. T., & Puntel, L. (1998). Habilidades sociais do professor: Um estudo de caso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 611-623.
- EISLER, R. M., Miller, P. M. & Hersen, M. (1973). Development of assertive responses: Clinical, measurement and research considerations. *Behaviour Research and Therapy*, 11, 505-521.
- FALCONE, E. M. O. (1995). Grupos. Em B. Rangé (Org.), *Psicoterapia comportamental e cognitiva: Pesquisa, prática, aplicações e problemas* (159-169). Campinas: Editorial Psy.
- FALCONE, E. M. O. (1997). Técnicas cognitivas e comportamentais no tratamento da fobia social. Em Zamignani (Org.), *Sobre comportamento e cognição: A aplicação da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental no hospital geral e nos transtornos psiquiátricos* (pp. 115-127). Santo André: ARBytes (vol. 3).
- FALCONE, E. M. O. (1998). *A avaliação de um programa de treinamento de empatia com universitários*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Farr, R. M. (1980). On reading Darwin and discovering social psychology. Em R. Gilmour & Steve Duck (Eds.), *The development of Social Psychology* (111-136). New York: Academic Press.
- FIGUEIREDO JUNIOR, M. M. (1996). *Esquizofrenia e reabilitação psicossocial: perspectivas teóricas e práticas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- HARGIE, O., Saunders, C., & Dickson, D. (1994). *Social skills in interpersonal communication*. London: New York: Routledge (3<sup>rd</sup> ed.)
- HEIMBERG, R. G. (1989). Cognitive and behavioral treatment for social phobia: A critical analysis. *Clinical Psychology Review*, 9, 107-128.
- HILDEBRAND, F. C. (2000). Estudo descritivo das habilidades sociais envolvidas nas interações entre professor e alunos com/sem dificuldades de aprendizagem. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade de São Carlos. São Carlos: SP.
- KHATER, E. M. M. (1995) *Competência social: discriminação e manejo de dinheiro em deficientes mentais treináveis*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCCAMP.
- LANGE, J. L. & Jakubowski, P. (1976). *Responsible assertive behavior*. Illinois: Research Press Co.
- LAZARUS, A. A. (1977). *Psicoterapia Personalista: Uma visão além do condicionamento*. Belo Horizonte: Interlivros.
- LEMONS, D. I. M. (1981). *Aplicação de um programa de treinamento assertivo a um grupo de menores institucionalizados*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade de Campinas (PUCCAMP). São Paulo.
- LEWIN, K. (1943). *Resolving social conflicts*. New York: Harper & Bros.
- LEWIN, K.; Lippitt, R., & White, R. K. (1939). Patterns of aggressive behavior in experimentally created "social climates". *Journal of Social Psychology*, 10, 271-299.
- LIPP, M. N., Haythornthwaite, J. & Anderson, D. E. (1996). Medidas diversas da assertividade em adultos. *Estudos de Psicologia*, 13(1), 19-26.
- MARQUES, A. L. (1999). Competência social, empatia e representação mental na relação de apego em famílias em situação de risco. *Dissertação de Mestrado*. Instituto de Psicologia. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. UFRGS.
- MARQUES, J. C. (1987). Comportamento típico e atípico na relações interpessoais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2(12), 32-41.
- MARQUES, J. C., & Vanhorn, R. (1995). Habilidades sociais de inter-relacionamento na adolescência. *Psico*, 26 (2), 9 - 28
- MIKULAS, W. L. (1977). *Técnicas de modificação de comportamento*. São Paulo: HARBRA.

- PACHECO, J. T. B. (1999). *Estilos parentais e o desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. UFRGS.
- PASQUALI, L. & Gouveia, V. V. (1990). Escala de assertividade de Rathus - RAS: Adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6(3), 233-249.
- PAULA, J. A. (1999). Habilidades sociais em alunos de classe especial: Análise de indicadores pré-pós intervenção. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade de São Carlos. São Carlos: SP.
- SALTER, A. (1949). *Conditioned reflex therapy*. New York: Farrar, Strauss e Giroux.
- SANTANA, P. R., Otta, E. & Bastos, M. F. (1993). Um estudo naturalístico dos comportamentos empáticos em pré-escolares. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 9(3), 575-586.
- SANTOS, M. R. I. (1990). *Habilidades sociais em adultos com deficiência mental: teste de procedimentos de treino*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Psicologia da PUCCAMP.
- SILVA, A. T. B. (2000). Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: Sua relação com habilidades sociais educativas dos pais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade de São Carlos. São Carlos: SP.
- SULLIVAN, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- TROWER, P. (1995). Adult social skills: State of the art and future directions. Em W. O'Donohue & L. Krasner (Eds.), *Handbook of psychological skills training: Clinical techniques and applications* (pp. 54-80). Nova York: Allyn and Bacon.
- TROWER, P., Bryant, B., & Argyle, M. (1978). *Social skills and mental health*. London: Methuen: Pittsburgh University Press.
- WHITE, R. (1960). Competence and the psychosexual stages of development. Em M. R. Jones (Ed.), *Nebraska Symposium on motivation*. Lincoln: Nebraska, University of Nebraska Press.
- WOLPE, J. (1958). *Psychotherapy by reciprocal inhibition*. Stanford, California: Stanford University Press.
- WOLPE, J. (1976). *Prática da terapia comportamental*. São Paulo: Brasiliense.
- Wolpe, J., & Lazarus, A. (1966). *Behavior therapy techniques*. New York: Pergamon Press.
- ZIGLER, E., & Phillips, L. (1961). Social competence outcome in psychiatric disorders. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 264-271.
- ZIGLER, E., & Phillips, L. (1962). Social competence and the process-reactive distinction in psychopathology. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 65, 251-222.

## capítulo 13

### Um Modelo de Intervenção Psicoeducacional para Prevenção da Violência no Ambiente Familiar e Escolar

Vitor Geraldi Haase, Christoph K ppler &  
Sandra Alexa Schaefer

#### 1. Introdução

Nos últimos cinco anos, foram desenvolvidos diversos programas de intervenção cognitivo-comportamental no Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento (LND) visando o atendimento de crianças e adolescentes com distúrbios externalizantes do desenvolvimento e suas famílias (Haase, Gama, Guimarães & Diniz, 1998). No LND, atuam no momento, cerca de 35 estudantes de p s-graduação e graduação, que ajudaram a estruturar e/ou foram treinados na aplicação dos referidos programas. Em 1998, a partir da vinda a Belo Horizonte do Prof. Christoph K ppler e seus colaboradores de Freiburg, iniciou-se uma parceria científica entre o Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento e o Laboratório de Psicologia da Família, ora em estruturação no Departamento de Psicologia da UFMG. Cerca de 15 alunos de graduação e p s-graduação foram treinados nos procedimentos específicos de avaliação familiar e iniciou-se um primeiro projeto numa favela no Aglomerado da Serra, que atende 100 crianças e suas famílias. Esta experiência está servindo como uma espécie de projeto-piloto para investigar a adequação e necessidade de adaptação dos programas de avaliação e de intervenção, no sentido de trabalhar diretamente com comunidades das periferias urbanas brasileiras. A oportunidade de execução deste trabalho se vincula à necessidade de colher normas, adaptar e testar a eficácia de procedimentos de avaliação e intervenção psicológicas no âmbito da neuropsicologia do desenvolvimento e da psicologia da família. A partir desta experiência foi elaborado um modelo de intervenção, cujas bases conceituais e metodológicas são apresentadas neste trabalho. Relatórios posteriores descreverão os dados disponíveis quanto a sua eficácia, que está sendo pesquisada no momento.